

Família educa, escola ensina¹

Muriel Felten Pinheiro

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

Este trabalho traz um relato etnográfico de um evento religioso de cunho político, ocorrido em uma igreja do segmento evangélico de Porto Alegre, cujo palestrante, um procurador da República, embasa seu discurso na tese de que o chamado marxismo cultural está infiltrado em nossa sociedade há décadas com o intuito de destruir os valores da família e propriedade, configurando um ataque aos valores judaico- cristãos ocidentais. A Análise aprofunda o tema, buscando em autores que tratam do discurso e da dicotomia na qual está pautada a nossa sociedade argumentos para questionar certezas tão parciais.

Palavras-chave

Marxismo cultural; religião e política; comunicação pública; comunicação política.

Família educa, escola ensina

Pesquisa Etnográfica sobre palestra a respeito da ideologia de gênero em uma igreja evangélica de Porto Alegre

Em meados de abril de 2018, assisti à palestra, realizada em uma igreja do segmento evangélico de Porto Alegre, proferida por um procurador da república, cuja identidade será preservada por questões jurídicas. O palestrante se auto-intitula defensor dos direitos da infância e cruza o Brasil apresentando a sua visão sobre o tema da ideologia de gênero em igrejas e instituições do país.

O estranhamento cultural que originou a escolha do evento para a análise se dá sob vários aspectos: primeiramente, a religião. Pratico o catolicismo há muitos anos e não tenho nenhuma familiaridade com a linguagem e sistemas modelizantes de igrejas evangélicas. Depois, o tema. A pauta, que já vem sendo discutida de forma substancial neste e em outros segmentos conservadores, não fazia parte da bolha social em que estou, ficando de fora dos temas discutidos em meus grupos. Assim, aceitei o convite e compareci à palestra.

¹ Trabalho apresentado na DT 7 – Comunicação, Espaços e Cidadania, do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

O local em que a palestra foi realizada era muito acolhedor. Antes de seu início, voluntários uniformizados vendiam lanches ao público para arrecadação de fundos para as obras sociais da igreja, e as crianças brincavam no espaço Kids, que contava com pula-pula, escorregador e ferramentas para colorir. Após o momento de acolhida, subimos para o salão principal, onde normalmente são realizados os cultos. O espaço tem lugar para em torno de mil lugares e estava lotado. Na parede do palco, passagens bíblicas e frases motivacionais. Na entrada, recepcionistas conferiam os nomes dos presentes, inscritos previamente por formulário disponibilizado em evento no Facebook, e ao fundo havia uma lojinha com livros e outros itens à venda. Organização impecável. Políticos e outras personalidades conhecidas já estavam na primeira fila da plateia quando o pastor abriu o evento ressaltando as presenças importantes e a relevância da ocasião. Foi lido um trecho da bíblia, seguido de uma breve oração entoada pelo ministrante e acompanhada pela platéia de fiéis, que ouvia as palavras de olhos fechados e mãos levantadas. Para finalizar a abertura, sobe ao palco uma cantora gospel para a música de louvor, acompanhada com animação pelo público.

É quando o pastor chama ao palco o palestrante, que sobe as escadas de acenando para a platéia, que o aplaude de pé. Com grande eloquência e bom humor, ele brinca com os presentes ao se apresentar, mas em seguida avisa: as imagens que virão a seguir são fortes, porém necessárias para o debate. O tema central da apresentação é a erotização infantil e a inversão de valores proposta pela esquerda com o projeto de lei da ideologia de gênero. São apresentados exemplos do que, segundo ele, está sendo feito com nossas crianças por parte dos professores e do governo brasileiro sob influência da bandeira marxista. O primeiro, mais conhecido, mostra o vídeo de uma criança tocando em um homem nu no Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM. Logo após, o palestrante mostra uma cartilha distribuída pelo Ministério da Educação com o tema da orientação sexual. Nela, ilustrações de adolescentes conversam com o leitor explicam como colocar camisinha e também simulam o que seria o ato sexual. O procurador afirma que o material está sendo distribuído nas escolas a crianças de 5 a 6 anos. O terceiro exemplo é o vídeo de um grupo grande de crianças com idade entre 4 e 5 anos dançando funk com as professoras no que parece ser o ginásio da escola. Para completar os exemplos iniciais, que servirão de base para a tese a ser apresentada, é exibido o vídeo,

também famoso nas redes sociais, em que uma professora ensina à sua turma a colocar camisinha e se abaixa na altura do órgão genital de um aluno, encenando o movimento.

Para o procurador, os exemplos são prova de que as crianças e adolescentes brasileiras correm perigo por estarem a mercê do chamado marxismo cultural. Antes de partir para a explanação do tema em si, o palestrante destaca que não é contra os gays ou nenhuma outra minoria, e que os entende como vítimas que estão sendo manipulados pelo movimento de esquerda. Para provar, ele convoca a plateia a clamar, todos juntos em voz alta: “Eu amo os gays!”.

Dito isso, os slides avançam e, logo na primeira lâmina, estoura uma charge em que uma pessoa com colete azul está no chão sendo agredida por uma pessoa de vermelho que empunha uma placa com os dizeres: liberdade de expressão. O desenho rende inúmeros comentários que, resumidamente, afirmam que a esquerda no Brasil e no mundo luta por liberdade de expressão mas não admite opiniões contrárias às deles.

A partir deste ponto, o palestrante leva o público a uma viagem pela história, apresentando a Escola de Frankfurt e os pensadores que deram origem ao marxismo cultural, centralizados na figura de Herbert Marcuse. Segundo ele, a ideologia é responsável pela inversão de valores em nossa sociedade e, conseqüentemente, pela erotização infantil.

A Teoria conspiratória a respeito do marxismo cultural afirma que, após o fracasso do marxismo econômico, que entrava em conflito direto com a sociedade vigente, por meio da luta armada e da imposição de valores contrários ao que se era reconhecido, Marcuse criou uma escola pautada em gradativas mudanças na cultura e nas instituições ao invés da tomada do poder à força, com o objetivo de destruir a cultura ocidental. Esta escola iria vagarosamente corroer as bases da família e da sociedade, um processo mais lento, porém muito mais eficaz. Valores deturpados, travestidos de liberdade de expressão e pensamento crítico, seriam plantados silenciosamente em pequenos grupos de intelectuais e pessoas de prestígio. Como não falava em revolução proletária nem pregava abertamente nenhuma truculência, a nova escola foi bem aceita nos meios encarregados de defender a cultura ocidental que ela professava destruir. O sistema que se desenvolveria ao longo de gerações. Segundo a teoria, o marxismo cultural corrompeu o mundo puro, neutro, imparcial existente até então, e a sociedade capitalista, com os valores judaico-cristãos e o direito romano, é considerada o modo de vida natural, portanto as ideias contrárias a esta cultura, difundidas pelo marxismo

cultural, causariam caos e anestesia mental naqueles que estão sob o seu domínio. Dentro deste grupos, estariam os valores da família. (SIQUEIRA, 2014)

Para um leigo, como eu, não havia ficado clara a razão pela qual o marxismo teria interesse em destruir os valores da família e, mais, o que isso tem a ver com a erotização infantil.

Mas para isso também havia uma explicação. Esta é a teoria que embasa todas as outras: Marx sonhava com o fim da propriedade privada. No início da humanidade, os homens se relacionavam de forma grupal, não havia parceiros exclusivos ou fixos. Assim como os filhos não tinham pais definidos, tudo era partilhado em comunidade. Ou seja, compartilhamento sexual e econômico. Quando o primeiro casal decidiu ser monogâmico, teve o seu filho e separou seus pertences dos demais. Nascia assim a propriedade privada. Por isso, a família passa a ser a principal inimiga do socialismo, já que é ela quem dá origem ao privado, individual, pertencente a um núcleo distinto do grande grupo.

O evento observado chama atenção por explicitar um aspecto da cultura que está na base da sociedade e permeia todas as nossas relações, análises e julgamentos: o binarismo. Esta concepção fundamenta-se na troca, no intercâmbio que acontece no mundo material. Baseia-se, portanto, na observação do mundo físico, a primeira realidade. Convivemos com o binarismo de forma sistemática em vários aspectos de nossa vida cotidiana: para o claro, há o escuro; para o céu, o inferno, para a direita, esquerda. Tais oposições binárias dominam com enorme força o pensamento da nossa cultura particular e o desenvolvimento da cultura em geral. (BYSTRINA, 2009).

Do binarismo nasce a polarização. Segundo Bystrina (2009), as polaridades são inerentes à vida, evidenciadas pelas situações de começo e de fim, como vida e morte. Assim, “a cultura geral é valorada polarmente, para facilitar a decisão, a atitude, o comportamento, a ação” (BYSTRINA, 2009, pág. 8). Na semiosfera político-religiosa, a polarização se torna ainda mais evidente, pois há um esforço para que a mensagem seja assimilada pelo maior número de pessoas, de forma a conseguir mais adeptos. Por isso, todos os textos são distribuídos e alocados abaixo de um grande guarda-chuva, em um lado ou outro. Dentro do contexto brasileiro, o binarismo e a polarização assumiram protagonismo com o embate entre direita e esquerda e originaram diversos textos apêndices ao discurso central, como o que foi apresentado na referida palestra.

A consequência direta do binarismo é a simplificação de conceitos, originando, a partir da intersecção do texto original sobre determinado assunto e a posição defendida pelo interlocutor, uma tradução que forma novos textos e leva o público a um encadeamento de afirmações. O conflito direto entre os dois lados é exemplificado por uma charge em que duas pessoas brigam e são diferenciadas pelas cores de suas roupas, uma vermelha, a outra azul. No imaginário coletivo, a oposição das cores é simbólica, com o azul representando o céu e o vermelho o inferno. Ou seja, azul = direita = Deus, ou seus filhos, no caso, os religiosos, e vermelho = inferno = Diabo, ou aqueles que não seguem os preceitos da igreja. Aqui podemos inserir, ainda, a seguinte lógica: defesa da infância = azul = direita = Deus; erotização infantil = vermelho = esquerda = diabo. Essa divisão inibe o pensamento crítico de cada indivíduo e o leva a generalizações muito perigosas, como, por exemplo, que toda indivíduo simpatizante da esquerda é a favor da erotização infantil, quando, na verdade, em nenhum momento o palestrante embasa esta afirmação. No momento em que, tendo aceito o primeiro argumento – sim, sou cristão e filho de Deus – ele é levado a aceitar todas as afirmações que esta escolha emprega. Assim, temos distorções que levam pessoas com graus de instrução elevados a defenderem ideias sem amplo debate de suas implicações e consequências, apenas porque estão embutidas em um conceito geral defendido pelo grupo a que pertencem.

Outro aspecto observado é a organização de uma cultura conservadora, tensionada cada vez mais para a periferia da semiosfera, para voltar ao centro. Segundo Posner (1997) a semiotização leva à centralização do culturalmente periférico. Na medida em que um segmento de realidade é incorporado à esfera cultural, tende a aproximar-se do central, e, por conseguinte, este movimento leva códigos centrais para a direção da periferia. Os códigos religiosos e conservadores, como a família tradicional e os preceitos e rituais cristãos, ocuparam o centro da cultura de forma hegemônica durante algum tempo, validados pela mídia, pelas representações culturais populares, como as novelas, e pelo Estado. Até que grupos não reconhecidos por esses códigos ou opositores a eles, passaram a pressionar a sociedade para ocupar um lugar mais central na cultura, ou seja, serem aceitos. Tais grupos poderiam ser considerados extra-cultura para os indivíduos conservadores, mas, ao identificá-los, eles os semiotizam e os inserem em sua cultura como a oposição à cultura vigente, a chamada não-cultura. (Posner, 1997). Assim, não se trata mais de integrá-lo à sua cultura, mas de identificá-la como oposta. A nomenclatura “esquerda” assume tom pejorativo e é utilizada para identificar aqueles

que pressionam para movimentar a sua cultura ao centro da semiosfera, como é o caso dos gays e dos negros. A partir da tensão constante, essa cultura, antes periférica, passa a ganhar espaço, principalmente com o advento das redes sociais, em que a comunicação e a informação são muito menos mediadas. Assim como fala Posner, “a centralização do código pode levar os artefatos produzidos de acordo com ele a servirem de modelo para outros artefatos” (POSNER, 1997, pág. 43). Assim, conseguimos verificar, por exemplo, que o debate sobre a questão LGBT iniciou de forma autônoma e ganhou força com o endosso da mídia tradicional, através da representação nas novelas, nos debates e maior participação de artistas identificados com a causa no showbizz. O que foi visto na igreja na oportunidade em que lá estive foi um movimento, não contra a erotização infantil, mas de fortalecimento interno da direita e de reforço da oposição à esquerda no campo da política, utilizando a ideologia religiosa como meio. Se em um passado muito recente as bandeiras de esquerda – liberdade individual, voz às minorias, direitos iguais - eram discurso público praticamente unânime, a constatação foi de que, em ambientes como estes, os indivíduos se sentem à vontade para expressar sua recusa às mudanças culturais propostas.

Sob este aspecto, é Foucault que traz luz ao conteúdo do evento a partir dos conceitos apresentados em seu livro *A ordem do discurso* (edições Loyola, 2014 – 24 ed.). Segundo o livro, pronunciado na aula inaugural do College de France, em 1970, o discurso exerce uma função de controle, de limitação e validação das regras de poder em diferentes períodos históricos e grupos sociais. O discurso, portanto, não é um encadeamento lógico de frases e palavras que pretendem um significado em si, mas, antes, ele se colocará como um importante instrumento de organização funcional que pretende estruturar determinado imaginário social. Deixa de ser, portanto, um representante dos sentidos pelos quais se luta e/ou se debate para ser, então, um instrumento do desejo. (FOUCAULT, 2014). “o discurso, longe de ser [...] [um] elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e política se pacifica [...] [é, antes,] um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes” (FOUCAULT, 2014, p. 9).

Ao longo do livro, destacam-se argumentos que esclarecem o discurso analisado. Um se refere às diferenças fundamentais entre o que vem a ser a verdade, uma possibilidade de verdade e o que Foucault designa como no verdadeiro, ou seja, aquela verdade que é

aceita por uma determinada sociedade e que, por isso, interessa a algum grupo social específico. Ela é a verdade oficial, que não fere os interesses do status quo e que é validada por diversas estratégias de proliferação – no verdadeiro. (Foucault, 2014)

Outro argumento de destaque afirma que o discurso é o encadeamento entre significantes e outros discursos externos. O discurso não direciona seu foco no significado, mas, antes, no significante, ou seja, no imaginário dos receptores desse discurso. A reprodução do o discurso é “de” e “para” esse imaginário, objetivando a consolidação e propagação de determinada lei, regra, norma, valores, etc. (Foucault, 2014). Por isso, associações que não existiriam em outro contexto são a base das justificativas da explanação do palestrante, pois elas reforçam os conceitos já assimilados pelo público em questão.

Para Foucault, outra questão importante é que a estrutura social responsável pela manutenção desses valores dispõe de rituais e estratégias específicas de validação e disseminação dos discursos, o que o transforma em expressão social e, por isso, oficialmente aceita. “Nós os conhecemos em nosso sistema de cultura: são os textos religiosos ou jurídicos, são também esses textos curiosos, quando se considera o seu estatuto, e que chamamos de literários; em certa medida textos científicos” (FOUCAULT, 2014, p. 21). É significativamente simbólico, no exemplo analisado, que o discurso de caráter político e ideológico esteja sendo reforçado em ambiente religioso, em um claro movimento de mesclagem dessas duas semiosferas.

Segundo Foucault, (2014), uma consequência direta destes argumentos são a logofilia, ou seja, um sentimento que nasce através da educação familiar e social – em especial, as instituições de ensino – nos quais sempre é possível se encontrar mensagens plenas de verdades, sentimento construído no interior dos discursos e que nos faz, mesmo inconscientemente, pensar a partir do maniqueísmo entre verdadeiro e falso, e, em oposição, a logofobia, que é o justamente o temor e a angústia causados pelo não reconhecimento, por tudo que possa ser descontínuo, combativo.

Este par parece ser a fonte de noções que posteriormente são anunciadas por Foucault. São elas as noções de sujeito fundante, de experiência originária e mediação universal. O tema da mediação universal, que nos interessa neste contexto, induz à crença de certa racionalidade constantemente disponível e capaz de constituir uma consciência imediatamente a partir das singularidades (até as categorias) – supostamente – universais. Segundo Foucault (2014), ela seria uma maneira de suprimir a realidade do

discurso, pois parece ao autor que, ao encontrar em toda parte o movimento de um logos que eleva as singularidades até o conceito e que permite à consciência imediata desenvolver toda a racionalidade do mundo, é o próprio discurso que se situa no centro da especulação.

É o caso dos exemplos apresentados no início da palestra. Temos ali, uma intervenção artística, uma cartilha educacional, uma atividade escolar pensada por um grupo de professores e um vídeo de uma professora com métodos próprios para promover educação. Se formos analisar a origem de cada exemplo, veremos que a provocação do homem nu do MAM nasce a partir do idealizador da estação. Questionável ou não, o artista tem aspirações e objetivos próprios com sua intervenção. A cartilha do Ministério da educação foi produzida por profissionais da área e, em nenhum momento, fica provado que, de fato, o material foi entregue a crianças menores de 6 anos. Já a aula de funk coletiva com crianças parece ser resultado da influência da indústria da música que popularizou gêneros musicais das periferias pela identificação com o grande público, onde podem estar inseridas as idealizadoras da ação. E, finalmente, o vídeo da professora em uma dinâmica questionável de ensino não evidencia que a prática seja adotada comumente nas escolas públicas.

Esta análise segue o princípio da descontinuidade, um dos indicados pelo autor como método para analisar o discurso em suas condições, seu jogo e seus efeitos, onde a leitura atenta dos discursos junto à evidenciação da rarefação nos prova a não existência de um contínuo de verdade evolutiva nos discursos (FOUCAULT, 2014). Outro princípio, o da especificidade, complementa este e também cabe no exemplo: “não transformar o discurso em um jogo de significações prévias; não imaginar que o mundo nos apresenta uma face legível que teríamos que decifrar apenas; ele não é cúmplice de nosso conhecimento; não há providência pré discursiva que o disponha a nosso favor” (FOUCAULT, 2014, p. 50).

Ademais, ao situar-me dentro desta semiosfera, senti-me como o contemporâneo relatado por AGAMBEN (2014) quando cita Nietzsche para situar a sua pretensão de atualidade, a sua contemporaneidade, numa desconexão e numa discordância. O autor define a contemporaneidade como “a relação com o tempo que adere a ele através de uma dissociação e de um anacronismo” (AGAMBEN, 2014, p. 22). Ainda, vai além e propõe a definição de contemporâneo como aquele que mantém os olhos fixos no seu tempo, não para enxergar a luz, e sim a escuridão. Esta não é uma forma de inércia ou

de passividade, e sim equivale a neutralizar as luzes da época para descobrir suas trevas, o contemporâneo é aquele, então, que não se deixa cegar pelas luzes e consegue distinguir sua sombra (AGAMBEN, 2014). Ou seja, aquele que questiona o discurso que o está impactando, situado no desejo do orador em engajar o indivíduo na lógica binária e maniqueísta. Outra analogia bem sucedida a este respeito é a de que ser contemporâneo é “ser pontual a um compromisso ao qual só podemos faltar”. Arrisco-me a dizer que, sob este ponto de vista, o contemporâneo é um infiltrado, que entende o seu tempo com a criticidade ignorada pelos demais, e se coloca em um lugar em que ele também deveria ignorar.

Dentro desta análise, Agamben nos lembra do compromisso entre o arcaico e o moderno, destacando que a via de acesso ao presente tem a forma de uma arqueologia, sendo tragado em direção à origem, ao que passou. “A atenção a esse não vivido é a vida do contemporâneo. E ser contemporâneo significa, nesse sentido, voltar a um presente em que jamais estivemos” (AGAMBEN, 2014, pág. 31). Este tópico também é significativo para a compreensão do momento, uma vez que ali existe relação direta com o passado não tão distante vivido pelo Brasil, em que os valores conservadores chegaram ao extremo do corte total das liberdades individuais, com o advento da ditadura. Mesmo não tendo presenciado o período, senti a cegueira do público com as luzes das soluções fáceis e culpados óbvios, sem perceberem para onde, de fato, estão caminhando.

A contemporaneidade e o sentimento de desconexão com o ambiente foi tão grande que precisei me retirar antes do fim da palestra, por um mal estar que chegou ao físico, sem ter a resposta que persegui durante o tempo em que estive presente, de saber, afinal, qual a relação direta entre a ideologia de gênero e a erotização infantil. Mas entendi, que, na verdade, o objetivo não era este. Temo que poucas pessoas ali presentes conseguiram enxergar através dos holofotes e, trazendo novamente a referência de Agamben (2014), interpelaram o tempo, transformando-o e relacionando-o com outros tempos, lendo nele um modo inédito de história, observando a luz invisível da escuridão do presente projetando a sua sombra sobre o passado, que, tocado por ela, nos trouxe as respostas às trevas de agora.

REFERÊNCIAS

SIQUEIRA, Vinicius. O que é marxismo cultural? uma abordagem à esquerda. Blog Colunas tortas. Nov., 2014. Disponível em: <https://colunastortas.com.br/o-que-e-marxismo-cultural/>. Acesso em 16 de agosto de 2018.

BYSTRINA, Ivan. **Tópicos de Semiótica da cultura**. São Paulo: CISC- Centro Interdisciplinas da semiótica e da mídia. 1995.

POSNER, Roland. O mecanismo Semiótico da Cultura. In: _____. RECTOR, Mônica; NEIVA, Eduardo. **Comunicação na era pós-moderna**. Petrópolis: Vozes, 1997. 37-49.

FOUCAULT, Michel Foucault. **A ordem do discurso**. Aula inaugural do College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio – 24. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo?. In: _____. (org). **Nudez**. Tradução Davi Pessoa. São Paulo: Autêntica, 2014. Pág. 21p – 33.